



Cerâmica proto-histórica do povoado de São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha): estudo preliminar

Sara F. B. Almeida e Silva*, António Manuel S. P. Silva**,
Paulo A. P. Lemos*** e Gabriel R. Pereira****

RESUMO

O artigo apresenta uma primeira tentativa de sistematização dos materiais cerâmicos recolhidos nos trabalhos arqueológicos realizados no sítio de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro), em 1993-1994 e 2014-2017.

A investigação até agora realizada no povoado, cuja ocupação se insere no Bronze Final, permitiu a identificação de um troço da estrutura de delimitação perimetral e de uma mamoa dentro do perímetro do povoado. Os trabalhos propiciaram também a recolha de abundante espólio arqueológico, maioritariamente cerâmico, que se apresenta bastante homogêneo.

PALAVRAS-CHAVE

Cerâmica proto-histórica; Bronze Final; Albergaria-a-Velha; Portugal.

ABSTRACT

This text is the first essay of a systematic study on the ceramic materials provided by the archaeological works which were done at the site of São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro), in 1993-1994 and 2014-2017.

Research projects in this settlement, which offers evidence of a main human occupation in the Late Bronze Age (10th-9th centuries BC), started in 1993-1994, with a more recent phase of diggings, and revealed, namely, part of the perimetral delimitation structure of the settlement, as well as a pre-historic(?) funerary mound just inside the settlement walls. Excavations and surface surveying also provided a great amount of archaeological finds, mostly ceramic sherds, seemingly very homogeneous by technical or decorative points of view.

KEYWORDS

Proto-historic pottery; Late Bronze Age; Albergaria-a-Velha; Portugal.

* Projeto de investigação arqueológica PROBA – Proto-história da Bacia do Antuã. Centro de Arqueologia de Arouca.

** Coordenador do Proj. de Inv. Arqueológica PROBA – Proto-história da Bacia do Antuã. Centro de Arqueologia de Arouca.

*** PROBA – Proto-história da Bacia do Antuã. Centro de Arqueologia de Arouca.

**** PROBA – Proto-história da Bacia do Antuã. Centro de Arqueologia de Arouca.

1. NOTA INTRODUTÓRIA

O sítio de São Julião da Branca começou a ser reconhecido na bibliografia arqueológica ao longo do século XX, tendo sido alvo de trabalhos arqueológicos em 1993-1994, em consequência das ações de plantio mecânico de eucaliptal, que provocaram a quase total destruição dos depósitos numa das zonas do povoado.

Desde 2014, o Município de Albergaria-a-Velha tem promovido, anualmente, em conjunto com o Centro de Arqueologia de Arouca, trabalhos arqueológicos, cujos resultados têm sido objeto de publicação, especialmente em revistas de âmbito local.

Todavia, não tinha surgido ainda oportunidade de analisar, mais sistematicamente, os materiais cerâmicos exumados, integrados na ocupação mais antiga do sítio, e que totalizam um valor próximo dos 7.000 fragmentos. O elevado grau de fragmentação do espólio condiciona bastante as considerações que dele se possam fazer, pelo que o presente artigo apresenta, essencialmente, os resultados de uma primeira apreciação macroscópica e de uma tentativa de sistematização formal, necessariamente ainda preliminar, dos recipientes cerâmicos de São Julião.

2. LOCALIZAÇÃO E BREVE HISTORIOGRAFIA

O povoado de São Julião da Branca localiza-se na freguesia da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro (Centro-Norte de Portugal). O sítio arqueológico implanta-se num cerro aplanado, de contorno aproximadamente oval, com uma altitude máxima a rondar os 330 m. Localizando-se na primeira cordilheira de relevos significativos, que marcam a transição entre as planícies litorais do Baixo Vouga e os contrafortes da serra do Arestal, o povoado assumiu uma implantação topográfica bem destacada, que lhe assegurava um significativo domínio visual da paisagem, em particular para oeste, até ao oceano Atlântico, do qual dista apenas cerca de 20 km.

Também conhecido como “Outeiro do Talefe” e por “Telégrafo”¹, o monte foi sendo referido por alguns autores como local de ocupação antiga (Brito, 1690, p. 4; Gomes 1877, p. 69; Azevedo, 1896, p. 313; Pereira, 1907, pp. 140, 143; Souto, 1942, p. 319; Almeida, 1946, pp. 40-42), com nuances que noutros textos já sintetizámos (Silva, 2014; Silva *et al.*, 2015, 2017b). Todavia, só na década de noventa do século XX o local viu reconhecido o seu interesse arqueológico, em virtude da realização de duas curtas campanhas de sondagem arqueológica sob responsabilidade de Fernando Silva e António Manuel Silva (Silva e Silva, 1993; Silva e Silva, 1995). As sondagens realizadas levaram à identificação do que, então, se interpretou como uma área doméstica, que seria constituída por cabanas construídas em materiais perecíveis, com a base delimitada por blocos de pedra ou talhada diretamente no afloramento, e de um troço da estrutura de delimitação do povoado (Silva e Silva, 1993; Silva e Silva, 1995).

Desde 2014, o sítio tem sido alvo de trabalhos arqueológicos anuais, por iniciativa da autarquia, no âmbito do projeto PROBA – Proto-história da Bacia do Antuã (Aveiro,

¹ Devido ao facto de ali ter estado implantado, na primeira metade do século XIX, um posto de comunicações militares por telegrafia ótica.

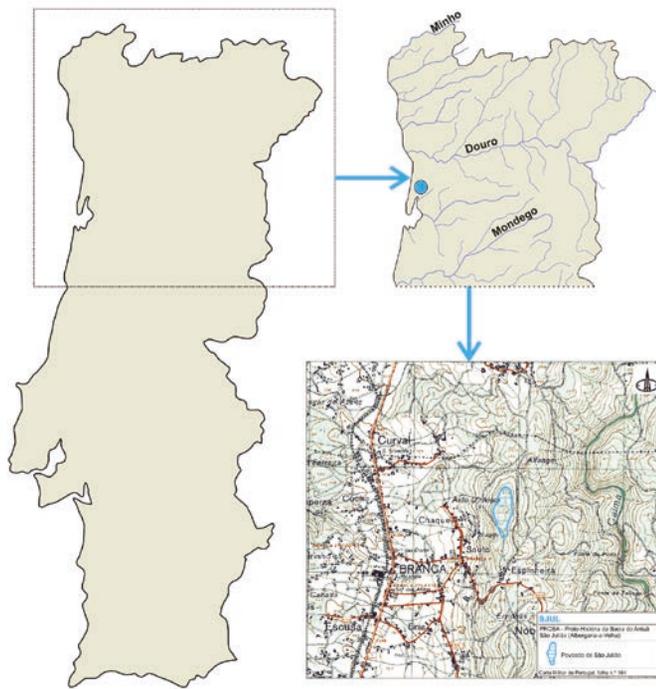


FIGURA 1. Localização do sítio de São Julião no País e na Carta Militar de Portugal (IGeoE, 1998).



FIGURA 2. Perspetiva para oeste das cumeadas onde se situa o povoado de São Julião.

Centro-Norte de Portugal), desenvolvido pelo Centro de Arqueologia de Arouca (Silva *et al.*, 2011; Silva *et al.*, 2016²; Silva *et al.*, 2016³). Estes trabalhos incidiram em várias áreas do povoado (Silva *et al.*, 2015, 2017b), com particular incidência na área doméstica identificada nas sondagens de 1992-1994, na estrutura de delimitação do povoado, localizada na vertente poente, também identificada na mesma época, na mamoa 1 de São Julião, que havia sido identificada por Fernando Silva e António Manuel Silva, e numa

² Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2016. *Projecto arqueológico PROBA. Proto-história da Bacia do Antuã (Aveiro, Centro-Norte de Portugal). Projeto de investigação arqueológica. 2016-2017.* Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca.

³ Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Tavares, J. T., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2016. Proto-história da Bacia do Antuã (2011-2015) – Um projeto de investigação arqueológica em rede. *Patrimónios de OAZ*, 0, pp. 77-96.

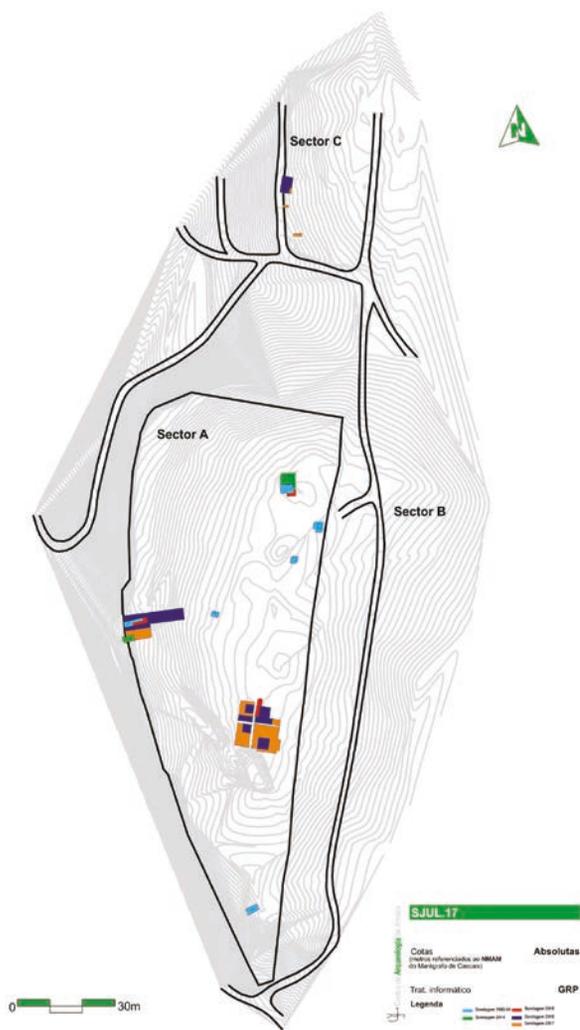


FIGURA 3. Implantação topográfica das áreas intervenionadas até 2017. De norte para sul: Zona/Sector C, área da EDP e área da Mamoa (Centro de Arqueologia de Arouca, 2018).

outra zona do povoado (Zona C) onde são abundantes os materiais arqueológicos, mas onde não se detetaram, ainda, quaisquer estruturas, algo que também se justificará pelas várias perturbações que o sítio sofreu, sobretudo em virtude dos trabalhos de reflorestação.

A estrutura de delimitação perimetral do povoado, composta por um duplo alinhamento pétreo, com enchimento de pedra e terra, apresenta aparelho irregular, sendo constituída por blocos de granito e algum quartzo de dimensão variável. Os trabalhos efetuados demonstraram alguma perturbação nas áreas sondadas, mas permitiram a identificação de dois depósitos relacionados com o nivelamento do terreno, o reforço da estrutura e o assentamento de blocos de maiores dimensões. Nalguns pontos do terreno, onde o afloramento surge a cota mais elevada, este foi integrado na própria estrutura. A este identificou-se uma outra estrutura, em alvenaria seca, bastante desmantelada, constituída por blocos de granito de médio calibre, relativamente aparelhados, sem qualquer ligante. Esta estrutura assenta em depósitos que se relacionam com a possível face interna da estrutura principal (Silva *et al.*, 2015, 2017b, 2018).

De um dos depósitos de nivelamento do terreno para a construção da estrutura de delimitação recolheu-se uma amostra de sedimentos, que possibilitou a datação por Carbono 14 (AMS) de um fragmento de carvão de medronheiro. Apesar das devidas reservas na utilização da amostra, a data obtida (976-826 a.C.) aponta um *terminus post quem* da construção da referida estrutura (Silva *et al.*, 2015, pp. 86-87). Até ao momento, esta é a única data disponível para o povoado, estando em curso a realização de outras datações radiométricas.

A designada mamoa de São Julião, situada dentro do perímetro do povoado, encontra-se ainda em escavação. Trata-se de um *tumulus* de planta subcircular, com diâmetro máximo a rondar os 14 m e altura máxima na ordem dos 0,70 m. Encontra-se destruído numa pequena parte, a sul, devido à ação de uma antiga exploração de pedra. A área central acha-se bastante perturbada, mas, com exceção dessa zona, o monumento parece relativamente bem preservado e está revestido por uma couraça lítica, composta por blocos de média e pequena dimensão de granito local e alguns quartzos (Silva *et al.*, 2015, 2017b, 2018).



FIGURA 4. Vista superior da estrutura de delimitação perimetral do povoado, no final da campanha de 2017.

FIGURA 5. Vista superior da mamoa de São Julião, no final da campanha de 2017.



O espólio arqueológico recolhido até agora é, do ponto de vista quantitativo, sobretudo cerâmico e de época proto-história, embora surjam alguns fragmentos cerâmicos de épocas mais recentes. O “barro de construção”⁴ é relativamente abundante, contabilizando-se um total de 5.459 g. Os materiais líticos (polidos e talhados) e os metais são mais raros, mas a sua ocorrência tem vindo a aumentar no decorrer das últimas campanhas (Silva *et al.*, 2015, 2017b).

3. A CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA DE SÃO JULIÃO

Os materiais cerâmicos recolhidos ao longo dos diversos trabalhos realizados são relativamente abundantes, contabilizando-se perto de 7.600 elementos, dos quais cerca de 6.900 correspondem a fragmentos de olaria proto-histórica.

A cerâmica surge bastante fragmentada, não tendo sido possível reconstituir, até ao momento, qualquer perfil completo (figuras 19 a 25). São sobretudo fragmentos de olaria comum, bastante uniformes e homogêneos, de produção manual, apresentando, maioritariamente, cozedura média ou mais deficiente (figura 6). O número de fragmentos passível de fornecer indicadores sobre as formas cerâmicas é bastante baixo, contabilizando-se 245 bordos (figuras 7, 8 e 19 a 23) e 176 fundos (figuras 12 e 25), representando, em conjunto, apenas 6,1% do total de cerâmica proto-histórica. As asas (figuras 10 e 24), apenas 37, são extremamente residuais (0,5%) e os fragmentos decorados (figuras 11 e 24) contabilizam apenas 193 exemplares (2,8%).

Caracterizando genericamente a cerâmica, observamos que apresenta colorações que variam entre os vários tons de laranja, castanho e cinzento. Entre os elementos não plásticos utilizados na preparação das pastas destaca-se, largamente, o quartzo (figura 14), embora também seja possível identificar mica e, mais raras vezes, alguma cerâmica moída e vacúolos correspondentes a matéria orgânica eliminada na cozedura. O tratamento da superfície dos recipientes apresenta-se algo grosseiro, evidenciando-se alguns casos de superfícies particularmente rugosas e, mais esporadicamente, alisadas, muito raramente polidas (figura 15). Existem também fragmentos com acabamento à escova. Muitos fragmentos apresentam-se também corroídos, situação talvez relacionável com a acidez do solo granítico. Não obstante a geral homogeneidade da cerâmica de São Julião, identificaram-se algumas pastas mais cuidadas (figura 18), com superfícies polidas, que chegaram, aliás, a ser aproximadas do tipo Baiões/Santa Luzia (Silva e Silva, 1995), e outras, de pastas cinzentas, mais depuradas, que temos vindo a considerar como produções forâneas (Silva *et al.*, 2017a, 2017b).

No que respeita à decoração dos vasos (figura 11), além de residual, é pouco variada e, por vezes, de difícil interpretação quanto aos motivos ornamentais e sua organização espacial (figura 11, n.º 30-31), em virtude quer do estado de conservação de alguns fragmentos, quer da diferenciação entre a efetiva decoração e o mero tratamento de superfície (Cruz e Correia, 2007, p. 34), em particular nos casos em que se apreciam ténues caneluras e algumas linhas incisivas, que poderão resultar do acabamento à escova.

⁴ Fragmentos de argila cozida rudimentarmente, considerados como restos de pavimentos, bases de lareira ou elementos de calafetagem de cabanas feitas em madeira.



FIGURA 6. Aspeto do cerne de um conjunto de fragmentos cerâmicos de São Julião, podendo observar-se a matriz e coloração geral das pastas argilosas.



FIGURA 7. Cerâmica de São Julião. Lábios decorados. Vista superior.

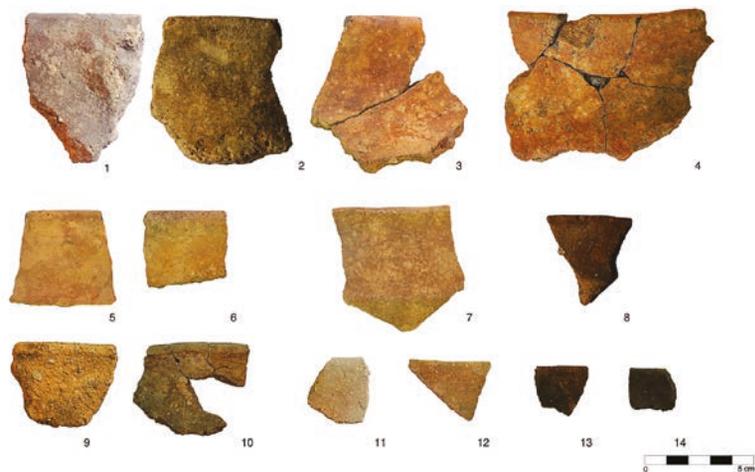


FIGURA 8. Cerâmica de São Julião. Bordos de recipientes.



FIGURA 9. Cerâmica de São Julião. Bordos decorados.

FIGURA 10. Cerâmica de São Julião. Fragmentos de asas.



FIGURA 11. Cerâmica de São Julião. Fragmentos decorados.

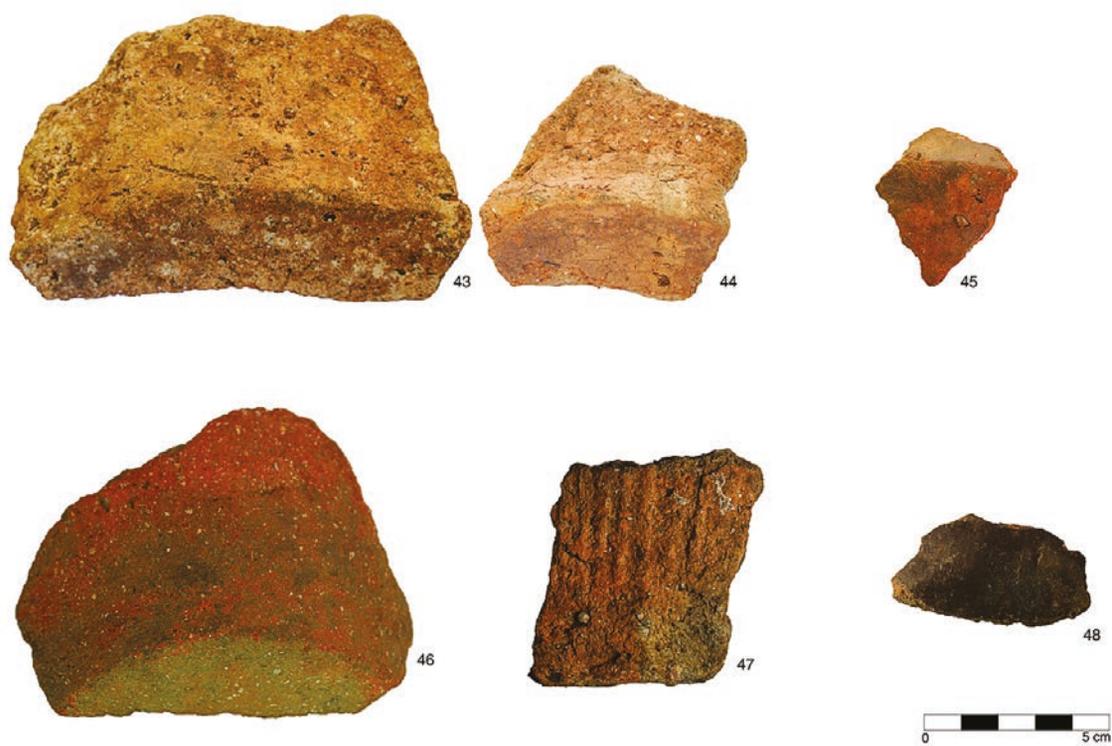


FIGURA 12. Cerâmica de São Julião. Fundos de vasos.



FIGURA 13. Cerâmica de São Julião. Fragmento de queijeira ou coador.



FIGURA 14. Cerâmica de São Julião. Aspeto de algumas pastas, evidenciando-se a presença de elementos em quartzo.



FIGURA 15. Cerâmica de São Julião. Exemplos de tratamento da superfície dos vasos.



FIGURA 16. Cerâmica de São Julião. Exemplos de fragmentos com pastas do Grupo A.





FIGURA 17. Cerâmica de São Julião. Exemplos de fragmentos com pastas do Grupo B.



FIGURA 18. Cerâmica de São Julião. Fragmentos de pastas cuidadas, de possível produção exógena.

UE	CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA														CERÂMICA CONTEMP.		TOTAL CONTEXTO	% RECOLHAS	
	BORDOS		ASAS		PANCAS		FUNDOS		PF* (< 15mm)		OUTROS		TOTAL		TOTAL	%			
	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.					Total
-	62	7	69	15	-	15	1304	35	1339	62	62	42	56	1583	18	1,1	1601	21,1	
TOTAL	62	7	69	15	0	15	1304	35	1339	62	62	42	56	1583	18	1,1	1601	21,1	
Década de 1990																			
Zona A - Área superior (ocupação "doméstica")																			
SUP	-	-	0	-	-	0	8	1	9	-	0	1	-	10	0	0,0	10	0,1	
2	3	1	4	1	-	1	182	4	186	5	5	113	1	310	2	0,6	312	4,1	
5	4	-	4	-	-	0	36	1	37	-	0	29	-	70	0	0,0	70	0,9	
35	1	-	1	-	-	0	9	-	9	-	0	8	-	18	0	0,0	18	0,2	
36	4	-	4	-	-	0	44	3	47	1	1	8	-	60	0	0,0	60	0,8	
37	2	-	2	-	-	0	47	2	49	1	1	10	-	62	0	0,0	62	0,8	
39	1	-	1	-	-	0	16	-	16	-	0	4	-	21	0	0,0	21	0,3	
42	1	-	1	-	-	0	10	-	10	-	0	3	-	14	0	0,0	14	0,2	
43	-	-	0	-	-	0	3	-	3	-	0	-	-	3	0	0,0	3	0,0	
TOTAL	16	1	17	1	0	1	355	11	366	7	7	176	1	568	2	0,4	570	7,5	

(continua na página seguinte)

TABELA 1. Espólio cerâmico recolhido no povoado de São Julião (* Pequenos fragmentos).

(continua da página anterior)

UE	CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA													CERÂMICA CONTEMP.	TOTAL							
	BORDOS			ASAS			PANCAS			FUNDOS		PE* (< 15mm)	OUTROS		TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL CONTEXTOS RECOLHAS			
	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Total											
Zona A - Estrutura de Delimitação																						
8	-	-	0	-	-	0	2	-	-	0	0	0	0	0	3	1	2	66,7	1	33,3	3	0,0
13	-	-	0	1	-	1	15	1	16	0	0	3	1	21	80,8	5	19,2	26	0,3	26	0,3	
14	-	-	0	-	-	0	1	-	1	0	0	0	0	1	100,0	0	0,0	1	0,0	1	0,0	
15	-	-	0	-	-	0	1	-	1	0	0	0	0	1	100,0	0	0,0	1	0,0	1	0,0	
19	-	-	0	-	-	0	8	1	9	0	0	3	9	81,8	2	18,2	11	0,1	11	0,1		
22	-	-	0	-	-	0	1	-	1	0	0	6	1	100,0	0	0,0	1	0,0	1	0,0		
33	2	-	2	-	-	0	7	1	8	0	0	6	16	53,3	14	46,7	30	0,4	30	0,4		
34	-	-	0	-	-	0	1	-	1	0	0	11	1	100,0	0	0,0	1	0,0	1	0,0		
38	1	-	1	-	-	0	33	1	34	0	0	46	95,8	2	4,2	48	0,6	48	0,6			
46	-	-	0	-	-	0	26	-	26	0	0	16	1	43	71,7	17	28,3	60	0,8			
50	-	-	0	-	-	0	-	-	0	0	0	3	1	4	100,0	0	0,0	4	0,1			
51	-	-	0	-	-	0	-	-	0	0	0	1	1	100,0	0	0,0	1	0,0				
57	-	-	0	-	-	0	-	-	0	0	0	0	0	0	0,0	3	100,0	3	0,0			
58	-	-	0	-	-	0	1	-	1	0	0	11,1	8	88,9	9	0,1	9	0,1				
61	-	-	0	-	-	0	6	-	6	0	0	46,2	7	53,8	13	0,2	13	0,2				
62	-	-	0	-	-	0	5	-	5	0	0	66,7	3	33,3	9	0,1	9	0,1				
66	-	-	0	-	-	0	2	-	2	0	0	100,0	0	0,0	2	0,0	2	0,0				
67	-	-	0	-	-	0	2	-	2	0	0	100,0	0	0,0	2	0,0	2	0,0				
70	-	-	0	-	-	0	19	3	22	1	1	3	26	55,3	21	44,7	47	0,6				
Total	3	0	3	1	0	1	130	7	137	1	1	44	3	189	69,5	83	30,5	272	3,6			

TABELA 1. Espólio cerâmico recolhido no povoado de São Julião (* Pequenos fragmentos).

(continua na página seguinte)

(continua da página anterior)

UE	CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA																	CERÂMICA CONTEMP.		TOTAL CONTEXTO	% RECOLHAS
	BORDOS		ASAS		PANÇAS		FUNDOS		PF* (< 15mm)	OUTROS	TOTAL	%	TOTAL	%							
	Lisos	Decor.	Lisos	Decor.	Lisos	Decor.	Lisos	Total													
	Lisos	Total	Lisos	Total	Lisos	Total	Lisos	Total													
Zona A - Mamoa																					
40	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	0	0,0	0	0,0	1	100,0	1	0,0
41	-	0	-	0	10	-	10	-	0	1	-	11	-	11	4,1	11	4,1	260	95,9	271	3,6
47	1	1	-	0	14	-	14	-	0	3	-	18	-	18	32,7	18	32,7	37	67,3	55	0,7
48	-	0	-	0	1	-	1	-	0	2	-	3	-	3	23,1	3	23,1	10	76,9	13	0,2
54	-	0	-	0	1	-	1	-	0	5	-	6	-	6	54,5	6	54,5	5	45,5	11	0,1
55	-	0	-	0	2	-	2	-	0	-	-	2	-	2	100,0	2	100,0	0	0,0	2	0,0
56	-	0	-	0	-	-	0	-	0	1	-	1	-	1	20,0	1	20,0	4	80,0	5	0,1
59	-	0	-	0	3	-	3	-	0	-	-	3	-	3	100,0	3	100,0	0	0,0	3	0,0
79	-	0	-	0	3	-	3	-	0	1	-	4	-	4	3,4	4	3,4	112	96,6	116	1,5
80	2	2	-	0	-	-	0	-	0	-	-	2	-	2	3,8	2	3,8	50	96,2	52	0,7
82	-	0	-	0	-	-	0	-	0	2	-	2	-	2	3,1	2	3,1	63	96,9	65	0,9
85	-	0	-	0	1	-	1	-	0	-	-	1	-	1	5,0	1	5,0	19	95,0	20	0,3
86	-	0	-	0	1	-	1	-	0	2	-	3	-	3	16,7	3	16,7	15	83,3	18	0,2
87	-	0	-	0	-	-	0	-	0	-	-	0	-	0	0,0	0	0,0	6	100,0	6	0,1
88	-	0	-	0	-	-	0	-	0	-	-	0	-	0	0,0	0	0,0	3	100,0	3	0,0
Total	3	0	3	0	36	0	36	0	0	17	0	56	0	56	8,7	56	8,7	585	91,3	641	8,4

(continua na página seguinte)

TABELA 1. Espólio cerâmico recolhido no povoado de São Julião (* Pequenos fragmentos).

(continua da página anterior)

UE	CERÂMICA PROTO-HISTÓRICA													CERÂMICA CONTEMP.	TOTAL CONTEXTOS RECOLHAS %						
	BORDOS			ASAS			PANCAS			FUNDOS		PF* (< 15mm)	OUTROS		TOTAL	%	TOTAL	%			
	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Decor.	Total	Lisos	Total										
SUP	-	-	0	-	-	0	-	-	0	-	0	-	0	1	-	1	100,0	-	0,0	1	0,0
Total	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	100,0	0	0,0	1	0,0
Zona B																					
SUP	33	7	40	2	-	2	729	25	754	23	23	289	33	1141	99,9	1	0,1	1142	15,0		
72	-	-	0	1	-	1	14	-	14	1	1	1	1	18	100,0	0	0,0	18	0,2		
73	22	4	26	5	-	5	556	42	598	26	26	121	16	792	99,7	2	0,3	794	10,5		
74	-	-	0	-	-	0	44	-	44	-	0	12	-	56	100,0	0	0,0	56	0,7		
75	39	6	45	5	-	5	693	31	724	32	32	244	24	1074	100,0	0	0,0	1074	14,1		
100	-	-	0	-	-	0	19	-	19	-	0	-	-	19	100,0	0	0,0	19	0,3		
101	-	-	0	-	-	0	10	-	10	-	0	9	-	19	100,0	0	0,0	19	0,3		
103	3	-	3	-	-	0	13	-	13	3	3	7	-	26	100,0	0	0,0	26	0,3		
104	9	-	9	-	-	0	237	7	244	8	8	115	13	389	100,0	0	0,0	389	5,1		
105	1	-	1	-	-	0	18	-	18	1	1	15	-	35	100,0	0	0,0	35	0,5		
107	-	-	0	-	-	0	10	-	10	2	2	4	-	16	100,0	0	0,0	16	0,2		
108	5	8	13	2	1	3	237	11	248	8	8	134	8	414	100,0	0	0,0	414	5,5		
109	9	7	16	4	-	4	308	24	332	2	2	140	12	506	100,0	0	0,0	506	6,7		
Total	121	32	153	19	1	20	2888	140	3028	106	106	1091	107	4505	99,9	3	0,1	4508	59,4		
205	40	245	36	1	37	4 713	193	4 906	176	176	1 371	167	6 902	90,9	691	9,1	7 593	100,0			

TABELA 1. Espólio cerâmico recolhido no povoado de São Julião (* Pequenos fragmentos).

As linhas espatuladas, formando caneluras, são o motivo mais comum, conferindo um aspeto ondulado à superfície da peça (figuras 11 e 12, n.º 27-29 e 47, figura 24, n.º 7-8, figura 25, n.º 9). Regista-se também a presença de sulcos (figura 11, n.º 40-42). Surgem também linhas incisadas, dispostas por vezes em aspa ou zig-zague (figura 11, n.º 35-36, e figura 24, n.º 9), pequenos punçionamentos (figura 11, n.º 37), cordões plásticos e motivos impressos (figura 11, n.º 33, e figura 24, n.º 10). O brunido está presente apenas num fragmento, decorado com linhas diagonais, numa banda delimitada por um pequeno sulco (figura 11, n.º 38). Raramente surgem motivos combinados, como o caso de caneluras e dedadas (figura 11, n.º 32) ou cordões plásticos e punção (figura 11, n.º 39). A inclusão de elementos de quartzo na superfície externa do recipiente parece-nos, nalguns casos, resultado de uma intenção ornamental, embora não conheçamos paralelos para este tipo de decoração nesta época. Relativamente frequentes são as decorações sobre o lábio ou superfície interna (figuras 8 e 9), variando entre as dedadas impressas e as incisões ou golpes (mais frequentes), mais ou menos profundos, conferindo ao bordo, por vezes, um aspeto ondulado (figura 8, n.º 17).

3.1. GRUPOS CERÂMICOS DE SÃO JULIÃO: PRIMEIRA SISTEMATIZAÇÃO

Tendo como objetivo a seleção de fragmentos cerâmicos para análise da composição química das pastas, partindo do pressuposto da grande homogeneidade de produções na cerâmica de São Julião, e considerando ainda que a amostra de recolhas de superfície dos anos 90 do século XX era representativa do conjunto de cerâmica de São Julião, tomámos esses materiais como ponto de partida para estabelecer dois grandes grupos cerâmicos. Não nos preocupou, assim, neste primeiro ensaio, nem a sequenciação estratigráfica, nem a eventual articulação da cerâmica com espólio de outros tipos.

Designámos por Grupo A o conjunto de cerâmicas de pasta arenosa (figura 6, n.º 1-21, e figura 16), bastante grosseira, de cozedura regular ou má, que integra como elementos não plásticos uma grande quantidade de quartzo, algum de grandes dimensões, e ainda alguma cerâmica. A mica, sendo reconhecida em muito pouca escala, deverá ser proveniente da própria argila. As superfícies externas apresentam acabamento alisado, rugoso ou escovado, embora algumas se apresentem corroídas. Já as superfícies internas variam entre o alisado ou rugoso, havendo também exemplares corroídos. As colorações variam dentro do mesmo fragmento, tornando-os pouco homogéneos, podendo apresentar tonalidades cinzentas, castanhas, beges ou alaranjadas.

Por outro lado, distinguiu-se um Grupo B, de matriz areno-micácea (figura 6, n.º 22-27, e figuras 17 e 18), textura média ou média/fina, de cozedura sobretudo regular. Dentro deste grupo estabeleceram-se dois subgrupos. No subgrupo B1 (figura 18), com produções mais cuidadas, inserem-se fragmentos com coloração cinza ou castanha, variando entre os tons mais ou menos claros. Os cernes apresentam cor castanho-escura/clara ou cinzenta. A superfície externa surge alisada ou polida. Já a interna é normalmente alisada, embora surja raramente polida, havendo ainda superfícies internas corroídas. As pastas apresentam sobretudo mica. O quartzo, sendo residual, surge, por vezes, de grandes dimensões. Insere-se neste grupo um fragmento carenado. Já no sub-

grupo B2 (figura 17) incluem-se fragmentos de coloração mais heterogênea, variando entre castanho, bege, acinzentado, rosado e alaranjado, com cernes beges, castanhos ou cinzentos, com pastas com maior número de elementos não plásticos (quartzo e mica) e de maior dimensão face ao anterior subgrupo. A superfície externa apresenta-se alisada ou raramente polida e a interna alisada (ou corroída).

Num universo de 290 fragmentos, 189 integravam-se no Grupo A, enquanto 101 pertenciam ao Grupo B. Apenas 28 não eram fragmentos de panças lisas. Registaram-se cinco bordos (A = 4; B = 1), 14 fundos (A = 12; B = 2), cinco decorados (A = 2; B = 3), três asas (A = 2; B = 1) e um fragmento perfurado (B). Dos cinco bordos, apenas dois permitiram aferir o diâmetro do bordo, sendo ambos de vasos de grandes dimensões. Numa fase seguinte, pretendemos fazer análises laboratoriais de amostras destes conjuntos, designadamente por fluorescência de raios X, a fim de testar a coerência interna dos grupos aferidos macroscopicamente e, eventualmente, avaliar a proveniência das argilas utilizadas.

3.2. APROXIMAÇÃO AO REPORTÓRIO FORMAL DE SÃO JULIÃO

Dos materiais já estudados e aqui publicados, foi possível apurar o diâmetro de bordo de 28 peças, maioritariamente de formas com aberturas médias/grandes (17) e médias (8), verificando-se apenas três casos de grandes dimensões⁵. Já no que respeita aos fundos, um possui um diâmetro pequeno, seis diâmetro médio e apenas dois diâmetro médio/grande. Nos casos em que foi possível classificar a base, esta apresentava-se sempre plana. Em termos de matriz de pastas, registam-se cinco em pastas arenosas e quatro em areno-micáceas.

A maioria das formas identificadas insere-se nos designados potes ou potinhos⁶, registando-se ainda a presença de taças carenadas (muito raras) e uma possível taça de colo médio⁷. Reconhece-se ainda um fragmento de uma queijeira ou coador (figura 13). No que se refere às taças carenadas, os dois exemplares registados apresentam-se distintos entre si: um apresenta carena alta e o outro carena média (figura 7, n.º 7-8, e figura 19, n.º 1-2) e inserem-se na forma 12 de Bettencourt (1999, p. 1094) e nas formas 33 e 32 de Senna-Martinez (1993, p. 96). Ambos apresentam matriz areno-micácea, integrando, ocasionalmente, elementos não plásticos de grande dimensão, revelando as superfícies um alisamento cuidado, próximo ao polimento. Com as devidas reservas, optámos por considerar o exemplar n.º 3 da figura 19 (correspondente ao n.º 27 da figura 11), decorado com linhas espatuladas, formando caneluras, como uma taça de

⁵ Os critérios por nós utilizados são os definidos por Bettencourt (2001, pp. 9-11), sendo considerados pequenos os diâmetros até 10 cm, médios os diâmetros que variam entre 11 e 20 cm, médios/grandes os que variam entre 21 e 30 cm, grandes os que variam entre 31 e 40 cm e muito grandes os superiores a 40 cm.

⁶ Neste âmbito voltamos a usar o critério definido pela mesma autora (Bettencourt, 2001, p. 9), considerando potinhos os que apresentam diâmetros inferiores a 19 cm.

⁷ Correspondendo à forma 38 de Senna-Martinez (1993, pp. 97-98).

DESCRIÇÃO DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS DAS FIGURAS 19 A 23

N.º	Tipo de recipiente	Pasta			Descrição			Obs.		
		Diâmetro (cm)	Matriz	Coloração	Elementos não plásticos	Acabamento	Bordo		Lábio	Decoração
1	Taça carenada	16	Areno-micácea	Castanho-alaranjada	Quartzo, algum de média dimensão, e mica	Alisado, quase polido	Divergente	Plano		
2	Taça carenada	18	Areno-micácea	Castanho-acinzentada	Quartzo de pequena dimensão e mica de grande dimensão	Alisado	Reto	Arredondado		
3	Taça de colo médio	18	Arenosa	Castanho-alaranjada	Quartzo de média dimensão	Alisado	Divergente	Arredondado	Pança: caneluras	Composto por 3 fragmentos
4	Pote	35,7	Arenosa	Castanho-alaranjada	Quartzo (muito) de média dimensão	Alisado/Corroído	Reto	Arredondado		
5	Pote	29	Arenosa	Superior: castanho-acinzentada; cerne: acinzentada	Quartzo (muito) de grande dimensão	Rugoso/Corroído	Reto	Bisel interior		
6	Pote	22	Arenosa	Castanho-clara	Quartzo de grande dimensão	Rugoso/Corroído	Reto	Plano		
7	Pote	24	Areno-micácea	Laranja-acastanhada	Quartzo de média dimensão e mica	Alisado, quase polido	Reto	Arredondado		
8	Potinho	14	Areno-micácea	Cinzenta	Quartzo e mica de pequena dimensão	Polido	Reto	Arredondado		
9	Pote com asa	32	Arenosa	Castanho-acinzentada	Quartzo de grande dimensão	Alisado	Reto	Plano		
10	Pote	27	Arenosa	Superior externa e cerne: castanho-clara; interna: cinzenta	Quartzo de média dimensão	Alisado	Divergente	Arredondado		
11	Pote	22	Areno-micácea	Cinzento-acastanhada	Quartzo, ocasionalmente, de média dimensão e mica	Alisado, quase polido	Divergente	Arredondado		
12	Indeterminado		Arenosa	Cinzento-acastanhada	Quartzo muito abundante	Alisado	Divergente	Arredondado		Vestígios de fuligem, junto ao bordo, nas superiores externa e interna
13	Indeterminado		Areno-micácea	Castanho-alaranjada	Quartzo e mica de pequena dimensão	Alisado (mal)	Divergente	Arredondado		
14	Pote	21	Arenosa	Superior externa: alaranjada; interna: cinzento-acastanhada	Quartzo, por vezes de grande dimensão	Alisado	Divergente	Bisel interior	Lábio: incisões	
15	Pote	26	Arenosa	Superfícies: castanho-alaranjada; cerne: preto	Quartzo de pequena/média dimensão	Alisado (mal)	Divergente	Arredondado	Lábio: incisões	
16	Pote	23	Arenosa	Superior externa: castanha; cerne: castanho-acinzentada; interna: cinzenta	Quartzo de média dimensão	Alisado	Divergente	Arredondado	Lábio: incisões	
17	Pote	24	Arenosa	Superfícies: cinzento-escuro; cerne: castanho-acinzentada	Quartzo de média dimensão	Alisado	Divergente	Plano	Lábio: incisões; Pança: espatulamento	Fumigado em ambas as superfícies. Composto por 2 fragmentos
18	Pote	23	Arenosa	Superfícies: cinzento-acastanhada; cerne: cinzenta	Quartzo de média dimensão	Rugoso/Alisado	Reentrante	Plano		Composto por 3 fragmentos

TABELA 2. Descrição dos fragmentos cerâmicos das figuras 19 a 23.

(continua na página seguinte)

(continua da página anterior)

DESCRÇÃO DOS FRAGMENTOS CERÁMICOS DAS FIGURAS 19 A 23										
N.º	Tipo de recipiente	Pasta				Descrição				Obs.
		Diâmetro (cm)	Matriz	Coloração	Elementos não plásticos	Acabamento	Bordo	Lábio	Decoração	
19	Potinho	14	Arenosa	Cinzeno-acastanhada	Quartzo de grande dimensão	Rugoso	Evasado	Arredondado para exterior		
20	Potinho	16	Areno-micácea	Superfícies: cinzeno-acastanhada; cerne: alaranjada	Quartzo e mica (muito) de pequena/média dimensão	Alisado	Evasado	Plano		
21	Pote	24	Areno-micácea	Castanho-acinzentada	Quartzo e mica de pequena dimensão	Alisado	Evasado	Arredondado		Composto por 2 fragmentos
22	Potinho	19	Areno-micácea	Castanho-acinzentada	Quartzo e mica de pequena/média dimensão	Alisado	Evasado	Arredondado		
23	Pote	33	Arenosa	Superior externa: castanho-clara; interna e cerne: castanho-acinzentada	Quartzo e cerâmica de grande dimensão	Alisado/Rugoso	Evasado	Arredondado	Lábio: impressão de dedadas	
24	Pote	23	Arenosa	Castanho-acinzentada	Quartzo de grande dimensão	Alisado/Rugoso	Evasado	Arredondado	Lábio: incisões; Panca: incisões paralelas	Fumigado em ambas as superfícies
25	Pote com asa	30	Arenosa	Castanho-acinzentada	Quartzo de média dimensão	Alisado/Rugoso	Evasado	Arredondado	Lábio: incisões	Vestígios de fuligem no exterior
26	Pote	26	Arenosa	Superior: castanho-acinzentada; cerne: acinzentada	Quartzo de grande dimensão	Alisado	Evasado	Bisel duplo		
27	Pote	22	Areno-micácea	Superior: castanho-acinzentada; cerne: castanha	Quartzo de pequena dimensão e mica	Polido/Alisado	Evasado	Bisel exterior		Vestígios de fuligem no interior
28	Potinho	18	Areno-micácea	Cinzeno-clara	Quartzo de pequena dimensão e mica	Polido	Evasado	Arredondado		Fumigado no interior
29	Pote	28	Arenosa	Superior externa: castanha; cerne e interna: cinzenta	Quartzo, por vezes de grande dimensão	Alisado	Evasado	Bisel interior	Lábio: dedadas	
30	Pote	24	Arenosa	Castanho-acinzentada	Quartzo de média dimensão	Alisado	Evasado	Espessado para o exterior	Lábio: incisões	Fumigado em ambas as superfícies

TABELA 2. Descrição dos fragmentos cerâmicos das figuras 19 a 23.

colo médio (forma 38 de Senna-Martinez (1993, pp. 97-98)), embora a orientação proporcionada pelo bordo seja passível de o integrar no grupo dos potes, nomeadamente na forma 3 de Bettencourt (1999, p. 1093). No que concerne aos potes, identificaram-se quatro variantes, considerando a orientação do bordo: os tendencialmente verticais, divergentes, reentrantes e esvasados.

Os bordos tendencialmente verticais (figura 20) estão representados na forma 1 de Bettencourt (1999, pp. 1093, 1104) e na forma 45 de Senna-Martinez (1993, pp. 101-102). Um deles (figura 20, n.º 9), correspondendo a um possível subtipo, apresenta um elemento de prensão, que arranca a seguir ao bordo. Este conjunto apresenta-se maioritariamente com matriz arenosa, com elementos não plásticos de média ou grande dimensão e superfícies rugosas ou alisadas.

Identificou-se um conjunto de bordos divergentes (forma 3 de Bettencourt e 43 de Senna-Martinez⁸) (figura 21). Alguns surgem decorados com linhas incisivas sobre o lábio, estendendo-se, por vezes, à superfície interna. Predominam os de características arenosas, com acabamentos alisados e com os elementos não plásticos a variar entre os de menores dimensões e os de grandes dimensões. Dois dos exemplares revelaram vestígios de uso no fogo.

Um outro tipo de pote, representado apenas por um fragmento (figura 22, n.º 18, e figura 7, n.º 10), apresenta bordo reentrante, integrando-se na forma 9 de Bettencourt, apresentando características arenosas, elementos não plásticos de média dimensão e acabamento pouco cuidado.

Finalmente, identificaram-se dois conjuntos onde se inserem os bordos esvasados, sendo este o tipo de bordo mais frequente. Um deles apresenta lábios arredondados (figura 22, n.º 19-25) e o outro lábios em bisel ou espessados para o exterior (figura 23) (formas 2 e 4 de Bettencourt e 40 de Senna-Martinez). Alguns dos exemplares surgem decorados com linhas incisivas sobre o lábio ou com impressão de dedadas. Um dos bordos surge decorado com incisões, já na superfície interna, arrancando do mesmo uma asa, correspondendo a um subtipo dentro deste conjunto (figura 22, n.º 25). As pastas são sobretudo arenosas, integrando bastantes elementos não plásticos, com grande variabilidade de tamanho, destacando-se a presença num exemplar de cerâmica moída. O acabamento varia entre o rugoso e o alisado, estando presentes quatro exemplares com vestígios de contacto com o fogo.

Relativamente aos potinhos ou pucarinhos, foram identificados cinco exemplares, variando a orientação do bordo (figura 20, n.º 8, figura 22, n.º 19-20 e 22, figura 23, n.º 28). Corresponderão também a esta forma os fragmentos 11 a 14 da figura 7. Estes elementos surgem, sobretudo, em cerâmica areno-micácea, revelando elementos não plásticos de menor calibre e acabamentos mais cuidados. Um dos exemplares apresenta-se fumigado na superfície interna.

⁸ Para não sobrecarregar o texto, omitiremos, salvo casos pontuais, as referências às páginas das obras destes autores que tomámos como referência, sendo fácil identificar as formas indicadas tanto em Senna-Martinez (1993), como em Bettencourt (1999, pp. 1093-1108).

As asas (figura 10 e figura 24, n.º 1-5), bastante escassas, apresentam-se, sobretudo, de secção retangular ou subretangular, demonstrando a preferência por formas não asadas. Raros são também os fragmentos com orifícios para suspensão (figura 24, n.º 6). As asas apresentam matriz arenosa (3) e areno-micácea (2).

Apesar da raridade (apenas um fragmento), documenta-se também a presença de uma queijeira ou coador, não tendo sido possível apurar o seu diâmetro (figura 13).

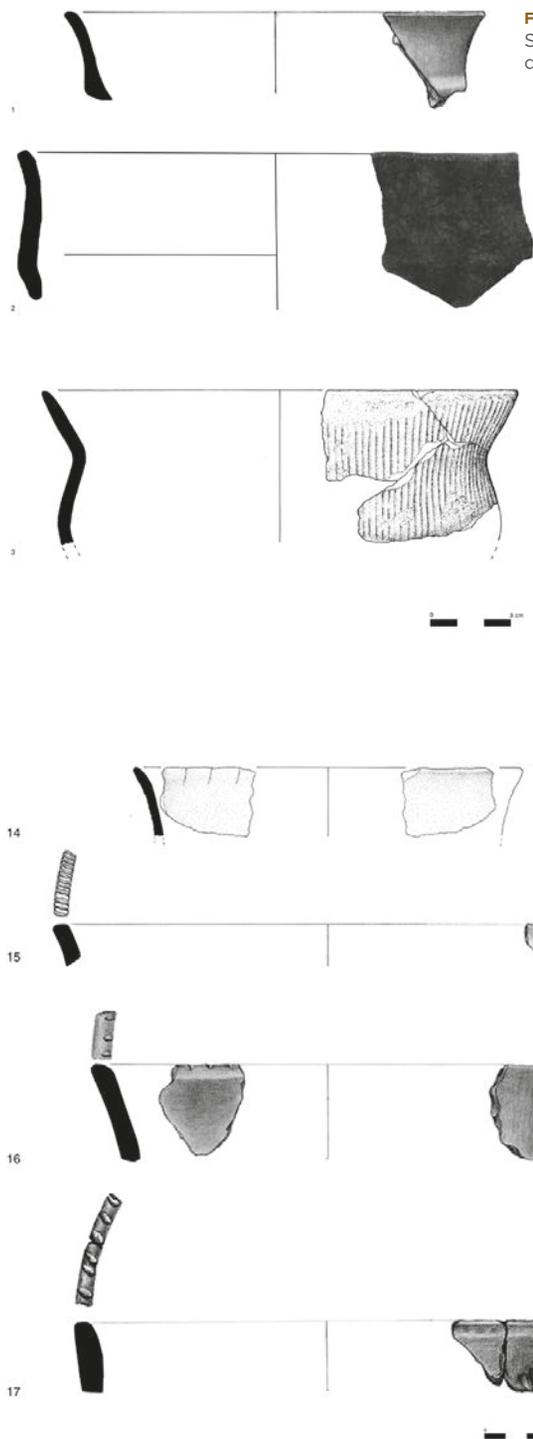


FIGURA 19. Formas cerâmicas de São Julião. Taças carenadas e taça de colo médio.

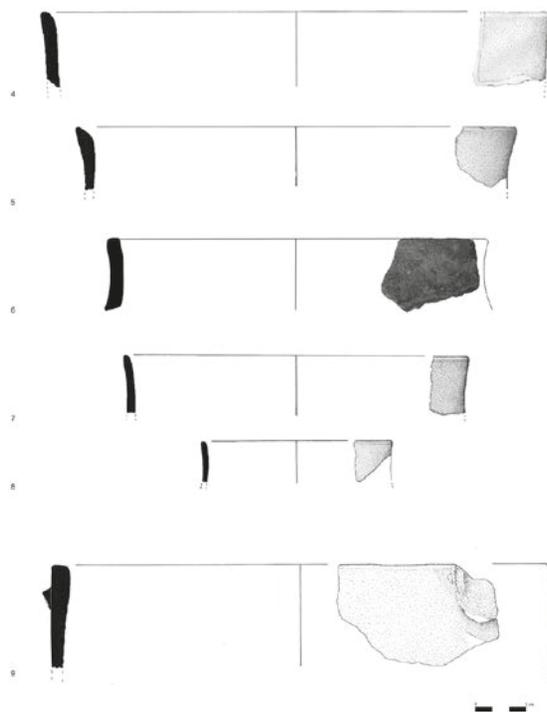


FIGURA 20. Formas cerâmicas de São Julião. Potes de bordo tendencialmente vertical.

FIGURA 21. Formas cerâmicas de São Julião. Potes de bordo divergente.

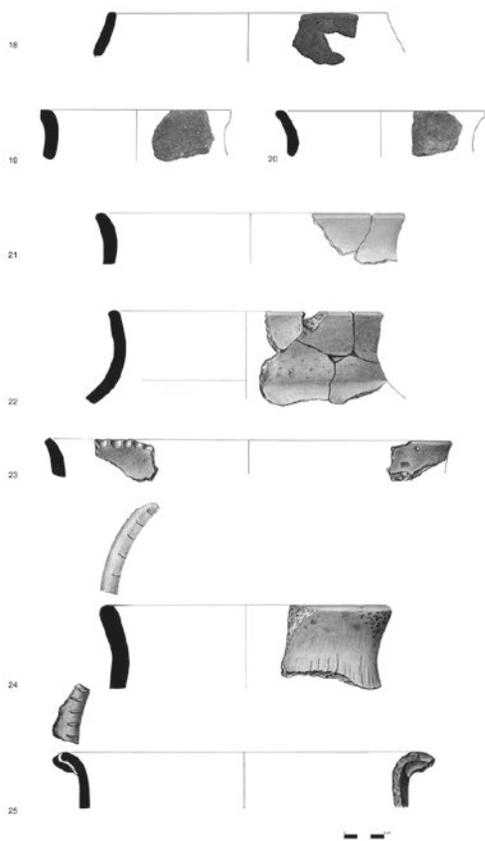


FIGURA 22. Formas cerâmicas de São Julião. Pote de bordo reentrante e potes de bordos esvasados.

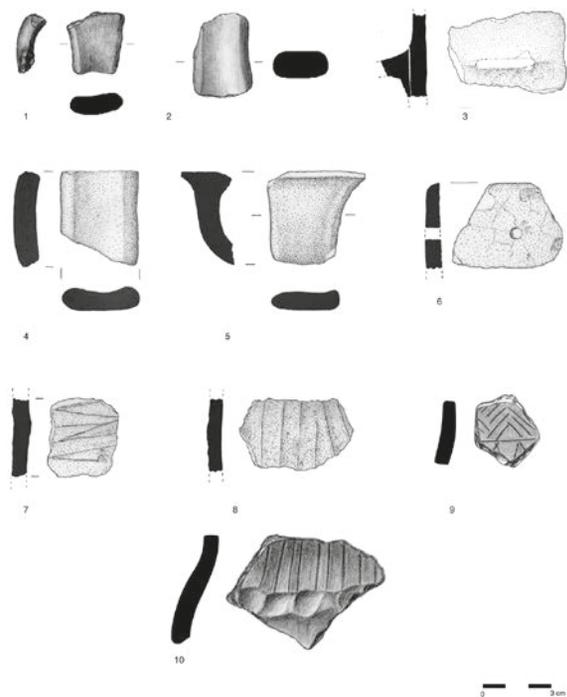


FIGURA 24. Formas cerâmicas de São Julião. Asas e fragmentos com decoração.

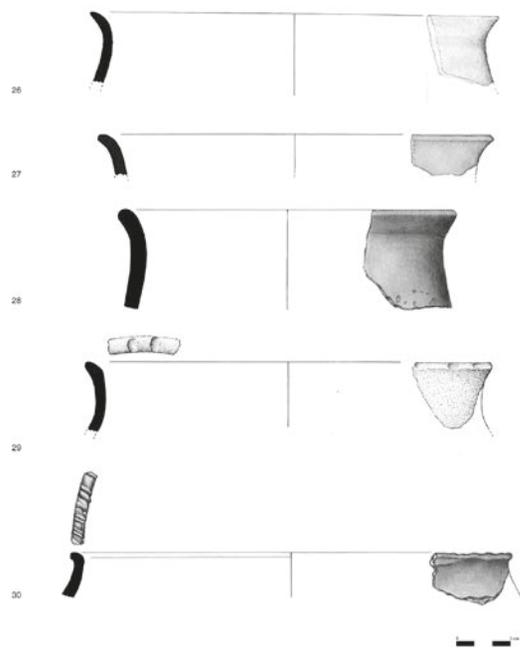


FIGURA 23. Formas cerâmicas de São Julião. Potes de bordo esvasado.

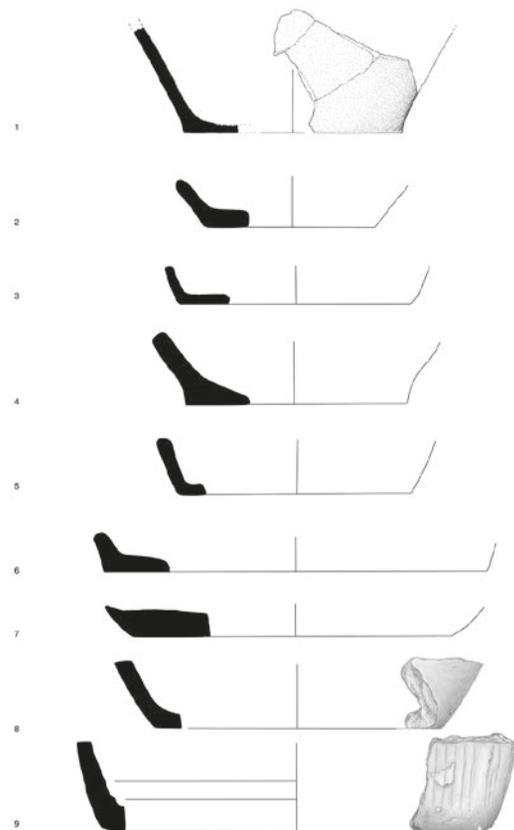


FIGURA 25. Formas cerâmicas de São Julião. Exemplos de fundos de recipientes.

4. NOTAS FINAIS

As reflexões aqui apresentadas devem ser encaradas apenas como um ponto de partida para um estudo mais sistemático do conjunto cerâmico de São Julião. Se, por um lado, o elevado grau de fragmentação dificulta conclusões sobre o reportório formal do povoado, por outro, a ausência de análises às pastas impede, por agora, a clarificação dos grupos cerâmicos e o esclarecimento sobre a proveniência da matéria-prima (local, regional ou outra).

O estudo efetuado permitiu a identificação de dois grandes grupos cerâmicos, distinguindo-se pela matriz das pastas e pela qualidade das mesmas. Predominam as cerâmicas mais grosseiras, de matriz arenosa, com acabamentos pouco cuidados e cozeduras pouco regulares. Contudo, identificam-se algumas peças de maior qualidade, com acabamentos mais polidos, algumas das quais podendo ser provenientes de locais mais distantes.

No reportório formal identificaram-se, sobretudo, peças com diâmetros médios ou grandes, dividindo-se nos diversos tipos de potes, por vezes com asa, em potinhos ou púcaros, taças carenadas e outros recipientes identificados apenas por um elemento, como o caso da taça de colo médio e a queijeira/coador. Nos potes e potinhos foi visível a utilização no fogo.

Os padrões decorativos são os comumente citados para a época, apesar da pouca frequência com que se registam. Verifica-se uma maior predominância das caneluras em peças de pastas arenosas.

Como já se verificou, não foi levado em conta, por ora, o enquadramento estratigráfico das cerâmicas observadas, tanto pela utilização, neste estudo preliminar, de um significativo conjunto de materiais de superfície, como pela circunstância – registada desde os primeiros trabalhos e que os mais recentes parecem confirmar – de o povoado parecer ter uma ocupação relativamente curta, o que se traduz na homogeneidade e simplicidade da estratigrafia. Do mesmo modo, embora numa das zonas em escavação se verifique uma maior concentração de material, não é possível estabelecer qualquer outra distinção entre a cerâmica do Bronze Final das diferentes áreas de escavação.

A escassez de estudos sistemáticos para a cerâmica do entre Douro e Vouga, ou até de publicações de âmbito monográfico, dificulta a comparação regional, pelo que recorreremos a comparações com trabalhos publicados para a bacia do Mondego e para a região do Minho.

Em todo o caso, merece referência, pela proximidade geográfica, o sítio do Castro Calbo (Cesar, Oliveira de Azeméis), onde trabalhos recentes levaram à identificação de uma ocupação dos finais da Idade do Bronze e a um conjunto cerâmico com pastas aparentemente similares às identificadas em São Julião (Memórias de OAZ, [s.d.]⁹).

⁹ A similitude dos materiais cerâmicos deste sítio arqueológico com os de São Julião decorre de simples observação geral de conjunto, carecendo, naturalmente, de estudo adequado. Agradecemos a João Tiago Tavares, da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, a possibilidade de acesso a estas cerâmicas, ainda inéditas.

Ainda no mesmo concelho, haviam sido registados alguns exemplares desta cronologia no Castro de Ul (Silva, 2013, p. 84). Já na área do Município de Arouca, têm vindo a ser registadas cerâmicas dos finais da Idade do Bronze – com amplitude cronológica variável – nos sítios da Cidade (Silva e Leite, 2004, 2010, p. 16), do Senhor dos Aflitos (Silva e Lemos, 2011, p. 13, 2018, p. 194) e do Castro de Valinhas (Silva e Ribeiro, 1999, p. 365), mas os materiais em causa ou são escassos ou aguardam ainda estudo mais aprofundado que permita que possam comparar-se com outros conjuntos em termos tecnológicos ou formais. A mesma situação se regista em relação aos achados do Castelo de Gaia (Silva, 1994, p. 101) ou do Castro de Romariz, em Santa Maria da Feira (Centeno, 2008, p. 44), entre outros vestígios de ocupação deste período em diversos sítios da região (Silva, 1994; Silva *et al.*, 2018).

Não obstante, entre os materiais cerâmicos atribuídos ao Bronze Final, provenientes dos diferentes sítios do entre Douro e Vouga – que aqui não recenseámos crítica ou exaustivamente –, parece poderem registar-se algumas características comuns com a olaria coeva de São Julião, como a escassez de peças decoradas (quase resumidas a linhas incisas, caneluras ou decorações sobre o lábio) e, no plano morfológico, a raridade de vasos providos de asas e a maior prevalência de formas polivalentes, como os potes, usados quer para o armazenamento, quer para a confeção de alimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, J., 1946. *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Vol. 2. Lisboa: Ed. de autor.

Azevedo, P. A., 1896. Extractos archeologicos das Memórias Parochiais de 1758. *O Archeologo Português*, 2, pp. 305-318.

Bettencourt, A. M. S., 1999. *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénio AC*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho.

Bettencourt, A. M. S., 2001. *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. *Cadernos de Arqueologia, Monografias. 12*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Brito, B., 1690. *Segunda parte da Monarchia Lusytana em que se continuão as historias de Portugal...* Lisboa: Impressão Craesbeeckiana.

Centeno, R., 2008. Castro de Romariz. In: R. Centeno e A. J. Oliveira, coord. 2008. *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. pp. 44-46.

Centro de Arqueologia de Arouca, 2018. *SJUL.17*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca [adaptado de Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, 2016. *Estação arqueológica de S. Julião – Levantamento topográfico*. Albergaria-a-Velha: Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha].

Cruz, M. D. e Correia, V., 2007. *Cerâmica Utilitária. Arqueologia. Normas de Inventário*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação,

Gomes, J. A. M., 1877. *O Districto de Aveiro: Notícia geographica, estatística, chorographica, heraldica, archeologica...* Coimbra: Imprensa da Universidade.

IGeoE – Instituto Geográfico do Exército, 1998. Carta Militar de Portugal. Série M888, Folha n.º 164, 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Memórias de OAZ, [s.d.]. *Castro Calbo*. [em linha] Acessível em: <<https://memorias.cm-oaz.pt/public/p-archaeological-details.aspx?id=1253>> [Consultado em maio de 2018].

Pereira, F. A., 1907. Geographia Protohistórica da Lusitania. Situação conjectural de Talabriga. *O Archeologo Português*, 12, pp. 129-158.

Senna-Martinez, J. C., 1993. O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, pp. 93-123.

Silva, A. M. S. P., 1994. *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, A. M. S. P., 2014. Dos vestígios do passado ao património arqueológico. Algumas reflexões sobre a Arqueologia de Albergaria-a-Velha. *Albergue – História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*, 1, pp. 27-60.

Silva, A. M. S. P. e Leite, J. N., 2004. *Intervenção arqueológica no sítio da Cividade (Roças/Urrô, Arouca). Relatório dos trabalhos de 2003. 1.ª campanha – CIV.03*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca.

Silva, A. M. S. P. e Leite, J. N., 2010. The place of Cividade. An approach to Late Bronze/Iron Age transition in Arouca valley (NW Portugal). In: A. M. Bettencourt, M. J. Sanches, L. B. Alves e R. Fabregas Valcarce, eds. 2010. *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe* (Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, Sept. 2006). Oxford: Archeopress. pp. 153-160.

Silva, A. M. S. P. e Lemos, P., 2011. *Trabalhos arqueológicos decorrentes da instalação de uma estação de radiocomunicações no monte do Senhor dos Aflitos – Alvarenga, Arouca. Relatório Final*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca.

Silva, A. M. S. P. e Lemos, P., 2018. Sondagem arqueológica no povoado da Idade do Bronze do Senhor dos Aflitos (Arouca, Centro-Norte de Portugal). In: N. Hernández Gutiérrez, J. Larrazabal Galarza, R. Portero Hernández, coord. 2018. *Arqueología en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 – Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016)*. Valladolid: Glyphos Publicaciones. pp. 191-203.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2015. Escavações arqueológicas em São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha). Campanhas de 2014-2015. *Albergue – História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*, 2, pp. 59-91.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2016. *Projecto arqueológico PROBA. Proto-história da Bacia do Antuã (Aveiro, Centro-Norte de Portugal). Projeto de investigação arqueológica. 2016-2017*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2017a. *Proto-história da bacia do Antuã (...). Povoado de São Julião, Albergaria-a-Velha, Aveiro. Relatório da 3.ª campanha de trabalhos arqueológicos*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2017b. São Julião da Branca e o povoamento do Entre Douro e Vouga na transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. *Albergue – História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*, 4, pp. 15-40.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2018. A Idade do Bronze na margem sul do Baixo Douro – sítios e pistas de investigação. In: N. Hernández Gutiérrez, J. Larrazabal Galarza e R. Portero Hernández, coord. 2018. *Arqueología en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 – Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016)*. Valladolid: Glyphos Publicaciones. pp. 92-117.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Lemos, P. A. P. e Tavares, J. T., 2011. *Proto-história da bacia do Antuã. Projeto de Investigação Arqueológica 2011-2014*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca.

Silva, A. M. S. P., Pereira, G. R., Tavares, J. T., Lemos, P. A. P. e Silva, S. A., 2016. Proto-história da Bacia do Antuã (2011-2015) – Um projeto de investigação arqueológica em rede. *Patrimónios de OAZ*, 0, pp. 77-96.

Silva, A. M. S. P. e Ribeiro, M., 1999. A intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro). Do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca. In: M. J. Barroca, coord. 1999. *Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In Memoriam. Vol. 2*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 363-374.

Silva, A. M. S. P. e Silva, F. A. P., 1995. O Povoado de S. Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro). In: I. Silva, coord. 1995. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 123.

Silva, F. A. P. e Silva, A. M. S. P., 1993. *Estação arqueológica de S. Julião (...). Relatório da 1.ª Campanha de Escavações (Abril de 1993)*. Oliveira de Azeméis: edição de autor.

Silva, S. A., 2013. *O Castro de Ul, Oliveira de Azeméis: o contributo dos materiais para o conhecimento da ocupação proto-histórica e romana no território entre os rios Douro e Vouga*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Souto, A., 1942. Romanização no Baixo Vouga. Novo “oppidum” na zona de Talabriga. *Trabalhos da SPAE*, 9(4), pp. 283-328.